

da introdução intitulada “Notícia bibliográfica”, onde se indicam todos os suportes físicos em que foi publicado cada um dos artigos. Constatase assim que vários deles viram a luz com escasso tempo de diferença em duas publicações periódicas distintas, por exemplo num jornal argentino e noutro espanhol. Muitos foram recolhidos em compilações de textos ayalanianos editadas depois da morte do escritor. O mérito principal deste livro, e não é pequeno, é, portanto, o de juntar num só volume o material que se encontrava disperso por vários suportes editoriais, alguns de difícil acesso para o leitor, e nenhum deles de temática exclusivamente galdosiana, munindo-o de um texto introdutório competente, detalhado e esclarecedor.

*António Apolinário Lourenço*

[https://doi.org/10.14195/2183-847X\\_13\\_13](https://doi.org/10.14195/2183-847X_13_13)

## **PESSOA E SARAMAGO**

**MIGUEL REAL**

**Lisboa: D. Quixote, 2020**

**270 páginas. ISBN 978-972-20-7364-6**

O primeiro contacto que tive com a obra de Miguel Real ocorreu há já muitos anos, em 1980, antes mesmo de o autor ter criado o pseudónimo pelo qual é hoje conhecido, quando adquiri e li com prazer o romance intitulado *O Outro e o Mesmo*, distinguido com o Prémio Revelação de Ficção da APE/IPLB de 1979, que tocava uma reali-

dade política que me era muito próxima: a história de uma personagem política que entrava num processo de dúvida. A este livro seguir-se-ia um interregno, só interrompido pela publicação, alguns anos depois, de algumas obras da área da Filosofia (a formação académica original do autor), enquanto o regresso à literatura, como ensaísta, ficcionista e dramaturgo, teria de esperar pela proximidade do novo milénio. Esse regresso seria, podemos dizê-lo, em força e desde então têm sido raros os anos em que o autor não presenteia os seus leitores com relevantes livros de crítica e ficção literárias (frequentemente mais do que um), colaborando também assiduamente na imprensa cultural, sobretudo no *Jornal de Letras*.

O ensaísmo de Miguel Real tem como um dos seus grandes méritos a enorme honestidade intelectual que assiste à sua escrita. É um cuidadoso leitor, sem dúvida, tanto das obras dos autores analisados como de uma parte muito substancial da exegese crítica sobre eles produzida. Isto pode soar a algo óbvio, mas infelizmente nem todos os críticos realizam esse trabalho de casa tão imprescindível como cautelar. Por isso, a leitura que Miguel Real faz de Pessoa e Saramago inclui um profícuo diálogo com o conjunto da receção da obra pessoana e saramaguiana.

*Pessoa e Saramago* é apresentado na página da ficha técnica como “uma transcrição revista e aumentada da conferência com o mesmo título promovida para professores de Língua e Lite-

ratura Portuguesa na Universidade de Guadalajara”, que teve lugar em 2018, integrada na Feira Internacional do Livro, que se realizou naquela cidade, mas não deixa de refletir publicações anteriores de Miguel Real, também devidamente revistas e harmonizadas. Não sendo, portanto, um ensaio completamente unitário na sua conceção, é uma obra coerente, que contém o essencial do pensamento do autor sobre “dois dos maiores escritores portugueses do século XX, se não mesmo os dois maiores” (p. 11). Acrescente-se que Saramago foi leitor e admirador de Fernando Pessoa, tendo construído a partir de uma das ficções heteronímicas do poeta modernista um dos seus romances mais destacados, *O Ano da Morte de Ricardo Reis*.

Estruturalmente, o livro compõe-se de uma “Apresentação”, que é na verdade um longo ensaio que explora coincidências e convergências entre os dois autores, para além de duas partes, cada uma delas dedicada a um dos autores. Como não poderia deixar de ser, depois do que já referi, tem, desde logo, três méritos inegáveis e que merecem destaque: em primeiro lugar, revela um profundo conhecimento da chamada bibliografia ativa de cada um dos autores; em segundo lugar, demonstra igualmente um notável e inusual manuseamento da incontável bibliografia crítica consagrada tanto ao autor da *Mensagem* como ao único escritor de língua portuguesa contemplado com o prémio Nobel; por fim, e

não menos importante, o ensaísta extrai dessas leituras as suas próprias conclusões sobre os dois escritores analisados, ainda que se sinta que tem alguma dificuldade em discordar frontalmente dos críticos pelos quais sente admiração.

No caso de Fernando Pessoa, embora se conceda bastante destaque à vertente nacionalista do escritor, que conhece a sua máxima expressão na *Mensagem*, praticamente todos os aspetos da vasta obra de Pessoa são considerados, não faltando uma ampla reflexão sobre a heteronímia, com um didatismo talvez por vezes excessivo, porque as conclusões muito fechadas podem quase sempre ser rebatidas, e analisando e caracterizando quase todas as personagens e facetas que compõem a obra pessoana, incluindo evidentemente o *Livro do Desassossego* e também o astrólogo Rafael Baldaia, o teórico neopagão António Mora (que considero ser o quarto dos verdadeiros heterónimos de Fernando Pessoa) ou mesmo o relativamente irrelevante Barão de Teive. Sinto apenas a falta do decifrador Abílio Quaresma, protagonista de mais de uma dezena de “novelas policiais”, inacabadas é certo, mas às quais o criador dos heterónimos dedicou árduas e extensas horas de trabalho, que resultaram num livro de 448 páginas, organizado por Ana Maria Freitas. É justo reconhecer que Miguel Real leu quase todas as interpretações relevantes da obra de Pessoa, e como leitor compenetrado e generoso que é, encontra virtudes em cada uma delas,

já que raramente cita para discordar, mesmo que no desenvolvimento do discurso acabemos por encontrar divergências com essas interpretações. O Pessoa de Miguel Real não é seguramente tão niilista como aparenta admitir para estar em sintonia com vários críticos de referência.

No que a Saramago diz respeito, Miguel Real sublinha a forte relação existente na sua narrativa entre romance e história e a peculiaridade do tipo de narrador que emerge da sua obra, um narrador intimamente ligado à figura do autor, com o qual mantém uma total identificação ideológica. Desta forma, a ficção saramaguiana, associando história e ensaio, acaba por ser colocada ao serviço de uma concepção ideológica (“comunismo”, na sua etapa criativa inicial; “humanismo”, a partir de 1990). A este tipo de narrador, politicamente comprometido com o seu criador, chama Miguel Real autor-narrador, termo que talvez não difira muito da categoria de autor implicado, há muito adiantado no plano da teoria literária. As citações de entrevistas do próprio Saramago demonstram que efetivamente o escritor desvalorizava quase por completo a categoria literária de narrador. Por exemplo, numa entrevista concedida ao jornalista Torcato Sepúlveda em 1991 (no *Público*), mostra-se conformado com o facto de a crítica separar autor e narrador na reflexão sobre a sua obra, mas só aceita essa separação como um tecnicismo formal, pois, nos seus romances, a entidade que

verdadeiramente conduz a história é o autor e não o narrador: “Eu não sei quem é o narrador, só sei se o identificar com a pessoa que sou” (p. 171).

O realismo saramaguiano (“a ficção como iluminação da História”, nas palavras de Miguel Real), não é, no entanto, um constructo seco e árido, pois nele, diz-nos o ensaísta, também têm lugar “o maravilhoso e o fantástico, pode ser envolvido de um modo determinantemente pelo trágico e pelo lírico, (...) a História pode ser contada às avessas, (...) o negativo pode tornar-se positivo, (...) o sério pode virar satírico, o épico pode conviver com o lírico, o sublime com o tétrico” (p. 175).

Concordando com a possibilidade de se entender a figura formalmente responsável pela condução dos romances de Saramago como um autor-narrador, porque se trata efetivamente de um narrador opinativo, que quer condicionar a interpretação do relato, no sentido que parece mais correto ao autor empírico, não consideraria essa opção um contributo revolucionário para a história da ficção, porque este tipo de narrador era o dominante na narrativa europeia pré-realista, nomeadamente na barroca, e ainda na romântica, incluindo nesta o próprio Camilo Castelo Branco, que Saramago tanto apreciou. O que creio que acontece é que o nosso Prémio Nobel se formou como escritor, como não podia deixar de ser, muito mais na leitura dos clássicos do romance do que nos ensaístas literários

e é por isso que dirige a sua estranheza ao conceito de “narrador” forjado pela crítica e não ao de “autor”, geralmente utilizado pelos escritores quando falam de si próprios como autores e responsáveis textuais pela elaboração de um romance, um conto ou uma novela.

Concluo com algumas impressões sobre o ensaio de apresentação, que, se por um lado é extremamente perspicaz e comporta uma leitura que, por ser realizada por quem é, tem de ser levada em conta em futuras abordagens das obras destes dois autores fundamentais da literatura portuguesa contemporânea, por outro é a que pessoalmente me suscita mais interrogações, porque, em certos aspetos que passo a identificar, não coincide completamente com a minha. É claro que isso não é um problema, porque nos encontramos perante autores cuja grandeza permite leituras diferentes e desencontradas, mas é claro que, honestamente, não posso deixar de mencionar as minhas dúvidas ou possíveis desencontros.

É claro que Pessoa e Saramago são duas das figuras mais representativas da literatura portuguesa, europeia e universal do século XX e que produziram obras de grande originalidade, mas já me parece excessivo o advérbio de modo que Miguel Real antepõe a originais, “absolutamente”, porque não creio que haja algum autor de alguma época que possa ter produzido uma obra “absolutamente original” (p. 12). Por idênticos motivos, tenho algumas dúvidas quanto a cada um deles

ter realizado uma “total transgressão dos códigos estéticos do seu tempo”. Isso não anula que possa admitir que “Saramago criou uma nova e revolucionária conceção geral de romance” (p. 169) ou que Fernando Pessoa seja “o grande poeta português da primeira metade do século XX e um dos maiores poetas europeus novecentistas” (p. 42); mas para quem, como é o meu caso, se tem movido prioritariamente no âmbito da literatura comparada não é muito aceitável a ideia de uma rutura completa com a literatura do passado e a dos autores coevos, o que próprio autor do livro reconhece, quando enumera, na página 13 alguns dos principais autores nacionais e internacionais com os quais Pessoa e Saramago dialogaram: Camões, Vieira, Eça, Kafka, Joyce, Borges. É em todo o caso uma lista incompleta. Fernando Pessoa, que nunca aceitou a iconoclastia de Marinetti, reconheceu, em variadas ocasiões as suas dívidas literárias: a Junqueiro, a Antero ou, sobretudo, a Cesário Verde, Camilo Pessanha, Walt Whitman. Quase todos estes autores são, de resto, mencionados por Miguel Real, quando reconhece que a obra pessoana se assume “como final de um processo literário, enquanto resultado de um passado, como a sua presente continuidade explosiva, a sua rutura, o seu momento final” (p. 26), apontando para o anúncio de um “Império espiritual a fazer-se” (p. 27). Nesta aceção contextualizada, a palavra rutura não me merece qualquer contestação. Tam-

bém Saramago reconheceu algumas das suas influências, embora tenha sido mais parcimonioso; mas é claro que, para além dos clássicos portugueses, se integra numa tradição narrativa mais moderna que passa inevitavelmente por William Faulkner e pelo realismo mágico hispano-americano, nomeadamente por Mario Vargas Llosa, não obstante as diferenças ideológicas que separam os autores de *Memorial do Convento* e de *Conversación en la Catedral*.

Em suma, não duvido um instante que seja de que nos encontramos perante um livro que marca o centenário do nascimento de José Saramago e que merece a leitura atenta de todos os admiradores de Fernando Pessoa e do autor distinguido com o Prémio Nobel em 1998. Uma leitura estimulante, portanto, mesmo quando não estejamos completamente de acordo com tudo o que nela se diz.

*António Apolinário Lourenço*

[https://doi.org/10.14195/2183-847X\\_13\\_14](https://doi.org/10.14195/2183-847X_13_14)

## **PESSOA. UMA BIOGRAFIA.**

**RICHARD ZENITH**

**Trad. de Salvato Teles de Menezes e Vasco Teles de Menezes**

**Lisboa: Quetzal Editores, 2022**

**1182 páginas, ISBN 978-989-722-756-1**

*Pessoa. Uma Biografia*, de Richard Zenith, apresenta a investigação mais atualizada sobre a vida do escritor

português. O trabalho recolhe décadas de investigação pessoana e treze anos dedicados precisamente ao texto que convoca esta recensão. A obra está estruturada em quatro partes ao longo de setenta e seis capítulos e mais de mil páginas: “O estrangeiro nato (1888-1905)”; “O poeta como transformador (1905-1914)”; “Sonhador e civilizador (1914-1925)”; e “Espiritualista e humanista (1925-1936)”. Os capítulos são complementados a seguir por epílogos, mapas, cronologias e notas que finalizam um grande esforço de síntese e minuciosa recolha de dados; os capítulos são antecidos por uma seleção dos heterónimos e de autores fictícios, que consta de 47 entradas, intitulada *Dramatis personae*, e um prólogo em que o biógrafo faz um estado da arte sobre as biografias do poeta e contextualiza alguns dos focos da hermenêutica pessoana, tais como a heteronímia, a natureza do espólio, o processo criativo e a sexualidade. Segundo Zenith, a paixão pela literatura, a política, a procura da verdade e a sexualidade são interesses presentes em Pessoa que se vão interconectando, em fuga e variações, desde o início e ao longo de sua vida através de diversas manifestações. Como assinala o próprio autor, sua maior ambição com a biografia foi “cartografar, quanto possível, a sua vida imaginativa [a de Pessoa]” (p. 34). Ao citar John Keats, “a vida de um homem digna de valor é uma alegoria contínua” (Keats *apud* Zenith, *idem*), o especialista afirma que a ale-